

**Endividamento, Qualidade de Vida e Saúde Mental e Física****Guilherme Santos Souza**

Mestrando em Administração FAGEN/UFU  
Universidade Federal de Uberlândia  
[guilhermessantos042@gmail.com](mailto:guilhermessantos042@gmail.com)

**Pablo Rogers**

Doutor em Administração FEA/USP  
Universidade Federal de Uberlândia  
[pblorogers@ufu.br](mailto:pblorogers@ufu.br)

**Dany Rogers**

Doutor em Administração FGV/SP  
Universidade Federal de Uberlândia  
[pedropauloadm@yahoo.com.br](mailto:pedropauloadm@yahoo.com.br)

**Resumo**

O alto endividamento é uma realidade preocupante das famílias brasileiras. Além de problemas financeiros oriundos desta situação, o estresse causado pode acarretar em distúrbios relacionados a ansiedade, depressão e na perda da qualidade de vida. Pelo fato de ainda não ser clara a relação entre estresse financeiro e problemas de saúde, entender melhor isso é uma questão de urgência. Nesse sentido, este estudo objetiva verificar, por meio da aplicação de questionários que mensuram o risco de endividamento, níveis de ansiedade (BAI), depressão (BDI) e a qualidade de vida e saúde (WHOQOL-Bref), a existência da associação entre esses fatores. Contundentemente, conclui-se que indivíduos com alto risco de endividamento são classificados com piores níveis de ansiedade e depressão, além de avaliarem sua qualidade de vida e saúde como piores em comparação com os indivíduos classificados com baixo risco de endividamento.

**Palavras-chave:** Endividamento; Qualidade de Vida e Saúde; Ansiedade; Depressão.

## 1 Introdução

O crescimento do endividamento das famílias brasileiras é uma realidade segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2018). E não somente no Brasil, mas em diversos países, a democratização do crédito influencia nisso. Na América Latina, nos últimos anos, a saída de diversas famílias de situações de pobreza, junto com a ascensão de novas classes médias, foi possibilitada, segundo Hojman, Miranda e Ruiz-Tagle (2016), principalmente, pela expressa liberação do crédito. Somente no Brasil, segundo dados da PEIC, em 2018 mais de 50% das famílias brasileiras estão com algum tipo de endividamento, sendo que pelo menos 23% delas alegam dívidas ou contas em atraso, e 9% deste montante simplesmente admitem que não conseguem pagar suas contas. A contração de uma dívida não necessariamente significa uma situação negativa (CAMPARA, VIEIRA e CERETTA, 2016), podendo ser utilizada para investimentos em bens produtivos, de forma a fomentar a economia. É um problema quando a pessoa endividada perde o controle e não consegue arcar com os seus compromissos (KEESE, 2012). Podendo esta situação trazer consequências negativas para o indivíduo que se vê prejudicado com relação a sua qualidade de vida, culminando em distúrbios de ansiedade, depressão, e em alguns casos extremos, suicídio (ZERRENER, 2007; TURUNEN e HIILAMO, 2014; BEMEL *et al.*, 2016).

Evidências empíricas apontam que problemas com dívidas podem ter efeitos deletérios tanto do ponto de vista do indivíduo quanto da sociedade (RICHARDSON, ELLIOTT e ROBERTS, 2013; CLAYTON, LIÑARES-ZEGARRA e WILSON, 2015; FRENCH e MCKILLOP, 2017) podendo altos níveis de endividamento familiar reduzir a expectativa de vida e aumentar a mortalidade prematura das populações. Mas apesar da existência de provas dos impactos econômicos negativos que uma baixa educação financeira pode provocar nas empresas e na sociedade em geral, pouco tem sido feito para transformar esse conhecimento em instrumento informativo para o indivíduo no âmbito social (AWANIS e CUI, 2014).

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre o endividamento, qualidade de vida e saúde mental e física de um indivíduo, e para isso realizou uma pesquisa por meio da aplicação de questionários, no qual abordou indivíduos sobre o seu endividamento e sua percepção acerca de sua qualidade de vida e saúde, bem como sensações de ansiedade e depressão.

Entende-se que um melhor conhecimento das características do indivíduo endividado em sua totalidade, não somente as usualmente disponíveis mas também as relacionadas aos aspectos psicológicos, propicia a formulação de melhores políticas públicas com o objetivo de prevenir esse endividamento, conseqüentemente, a melhoria da saúde e qualidade de vida das pessoas. Do ponto de vista social, pretende-se oferecer evidências preliminares sobre os fatores de risco para além daqueles sociodemográficos associados com o endividamento das populações. Para academia, este trabalho também contribui por ser inédito no cenário brasileiro, não sendo encontrado pelos autores da pesquisa em questão, quaisquer outros estudos que realizaram estas relações de forma empírica.

Adicionalmente, os resultados da pesquisa, seja a discussão da literatura ou as evidências empíricas oriundas do presente estudo, servirão de suporte para incrementar o conteúdo didático

da educação financeira, principalmente por meio de elucidações sobre os problemas de saúde que podem estar relacionados com o endividamento.

## 2 Estudos anteriores

Com relação as medidas de endividamento, a literatura ainda não encontrou um consenso (CARVALHO, SOUSA e FUENTES, 2017), sendo utilizadas medidas diferentes em trabalhos diferentes. Alguns estudos consideram a autoavaliação do indivíduo como endividados, outros consideram o fato dos indivíduos pagarem suas contas em atraso. Ainda alguns consideram os indivíduos inadimplentes, ou algumas contas que possuem, como cartões de crédito e financiamento de imóveis, e até mesmo utilizam dados de algumas entidades como o Banco Central do Brasil ou o Serviço de Proteção ao Crédito – SPC ou Serasa-Experian para definir um indivíduo como em uma situação de endividado (NORVILITIS *et al.* 2006; KEESE e SCHIMITZ, 2014; MESSIAS, SILVA e SILVA, 2015; BEMEL *et al.* 2016; ; SOUZA *et al.*, 2017).

Essa situação acarreta em possíveis enviesamentos no decorrer do estudo, por exemplo, indivíduos que sofreram com problemas recentes na família, como mortes ou separação, podem perceber os impactos de uma dívida de forma diferente de pessoas que não passaram por aquela situação (KEESE, 2012), assim a utilização apenas de medidas autoavaliativas podem gerar resultados muito distantes da realidade.

Mesmo sem haver uma ferramenta de medida já estabelecida, as consequências do endividamento não pode deixar de ser vista de forma dicotômica, como algo prejudicial, quando ocorre pelo descontrole financeiro em tentativas de antecipar consumos desnecessários, tornando o indivíduo endividado (SOUZA *et al.*, 2017); e como uma situação positiva, quando realizada por meio de planejamento e objetivos, visando a realização de algum empreendimento e/ou aquisição de ativos produtivos, utilizando recursos de terceiros, podendo gerar benefícios para a economia, por meio de emprego e renda.

A situação se torna agravante quando esse comprometimento passa a ser impossível de ser arcado pelo indivíduo (KEESE, 2012) que deixa de ter o controle de sua vida financeira, ou passa por momentos de estresse financeiro, em que as consequências impactam não somente em sua vida, mas em sua família e outros envolvidos em seu meio. Situação esta que culmina em problemas generalizados nos diversos aspectos de sua saúde física, psicológica/mental e social, como por exemplo, a piora em sua qualidade de vida e o desenvolvimento de sintomas de ansiedade e depressão (ZERRENER, 2007; BRIDGES e DISNEY, 2010; DRENTEA e REYNOLDS, 2010; TURUNEN e HIILAMO, 2014; WALSEMANN, GEE e GENTILE, 2015; BEMEL *et al.*, 2016; MASELKO *et al.*, 2018).

A despeito da preocupação das entidades públicas e privadas com a inadimplência, principalmente por sua ocorrência afetar o desempenho econômico das empresas e países e a vida de um indivíduo, foram empreendidas diversas pesquisas nas duas últimas décadas (LIVINGSTONE e LUNT, 1992; KIM e DEVANEY, 2001; ROBERTS e JONES, 2001; NORVILITIS *et al.*, 2006; STONE e MAURY, 2006; PIROG III e ROBERTS, 2007; PERRY, 2008; ; WANG, LU e MALHOTRA, 2011; ROGERS, ROGERS e SECURATO, 2015; COBB-CLARK, KASSENBOEHMER e SINNING, 2016) cujo objetivo principal foi entender o perfil, principalmente do ponto de vista comportamental/psicológico, dos indivíduos que têm maior propensão a tomar crédito, endividar-se e ter problemas de endividamento.

No cenário brasileiro, tanto Rogers, Rogers e Securato (2015), quanto Mendes-da-Silva *et al.* (2012) e Norvilitis e Mendes-da-Silva (2013) encontraram relações significativas entre

constructos psicológicos e a condição de endividado dos indivíduos, de forma a coadunar com diversas pesquisas internacionais e a provar a importância do perfil psicológico para entendimento dos endividados. De uma forma geral, assim como Stone e Maury (2006) nos EUA, as pesquisas brasileiras mostraram que a condição de endividamento dos indivíduos depende de um conjunto multifacetado de fatores nomeadamente: econômicos, sociais, políticos e psicológicos/mentais.

Nesse contexto, indicativos da existência de uma relação entre endividamento e saúde, seja ela física ou mental, ganha espaço nos debates científicos. Zimmerman e Katon (2005) encontraram uma fraca relação de causalidade entre tensões financeiras, provocadas pelas dívidas dos indivíduos e o desenvolvimento de depressão. Mas isso não lhes permitiu concluir como sendo significativa essa relação, e nem afirmar que uma seja causada pela outra.

Richardson, Elliott e Roberts (2013) analisaram 52 estudos e evidenciaram que o endividamento está relacionado com o estado de saúde, sendo que quanto maior o número de dívida, maior o nível de preocupação e estresse do indivíduo. Assim, tensões, perda da paz de espírito, angústia e insônia são algumas questões que podem ser originadas do desequilíbrio financeiro segundo estes autores. Clayton *et al.* (2015) analisaram a relação entre dívidas e saúde para os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) entre 1995 e 2012, e encontraram que as dívidas das famílias afeta o estado de saúde com uma intensidade que varia de acordo com as datas de vencimentos, e que países com indivíduos com dívidas de longo prazo tem uma expectativa de vida menor e uma mortalidade prematura.

No estudo de Hojman, Miranda e Ruiz-Tagle (2016), utilizando uma amostra expressiva de dados longitudinais de 10.900 indivíduos do Chile, concluíram-se que a trajetória da dívida é importante na relação de desencadeamento, aumento ou diminuição dos sintomas de depressão. Assim, pessoas que estavam constantemente sobreendividadas apresentaram sintomas mais altos de depressão; e indivíduos que passaram de sobreendividados para níveis mais moderados de dívida não apresentavam mais sintomas adicionais de depressão, quando comparados com pessoas que estavam sempre em níveis moderados de dívida mas nunca passaram a ser superendividados. Segundo estes autores, os sintomas depressivos, causados pela dívida, desaparecem a medida que os níveis de dívidas caem.

French e Mckillop (2017) também analisando a relação entre dívidas e saúde encontraram, por meio de uma pesquisa realizada com famílias de baixa renda do Norte da Irlanda, que uma experiência de se sentir financeiramente estressado, tem uma relação com diversos aspectos relacionados à saúde, tais como: capacidades de cuidados próprios, problemas de performance em atividades usuais, problemas de dor e saúde psicológica. Mas diferente de Clayton *et al.* (2015) o tamanho e o tipo da dívida e o número de credores não adicionaram ao estudo um poder exploratório extra.

### 3 Metodologia

Inicialmente, para mensurar o nível do endividamento utilizou-se uma medida multidimensional, baseada na pesquisa de Diniz (2015), composta por 3 questões: uma em que o respondente se autodeclara como endividado ou não; outra relacionada ao pagamento em dia ou com atraso de suas contas; e por último, uma questão em que o indivíduo indica quais os tipos de contas fazem parte do comprometimento de sua renda. O grau ou nível de endividamento, indicado na presente pesquisa como risco de endividamento, é mensurado pela

atribuição de pesos as questões “qual(quais) tipos de contas você possui” e “em média qual a frequência de pagamento de suas contas”, como apresentado no Quadro 1.

É possível verificar no Quadro 1 que pesos maiores são dados para contas consideradas evitáveis e de juros maiores e pesos menores para contas com produtos/serviços de necessidades básicas/essenciais. Os resultados obtidos em cada questão são multiplicados, para calcular o escore final obtido por cada indivíduo, que para fins interpretativos, é colocado na base 100.

Em média, qual a frequência de pagamento das suas contas?		Indique abaixo qual (ou quais) tipos de contas você possui (marque todos que possuir):					
Peso	Resposta						
1	Pago em dia						
1	Pago com até 5 dias de atraso	1	Conta de Água	3	Cheque Especial	3	Crédito Consignado
1	Pago com até 10 dias de atraso	3	Cartão de Crédito	2	Mensalidade escolar	3	Crédito Pessoal
1	Pago com até 15 dias de atraso	1	Conta de energia	2	Mens. de clubes	3	Carnês
1	Pago com até 30 dias de atraso	1	Conta de Tel fixo	2	Mens. de cursos	3	Financ. de carros
1	Pago com mais de 30 dias de atraso	2	Conta de Tel. Móvel	2	Mens. de academias	1	Financ. de casa
4	Não pago.	1	Conta de Internet	3	Cheque Pré-datado	2	Outras dívidas
Pontuação do pagamento das contas ( ) <b>X</b> →		( ) Total de pontos pelo somatório da quantidade de dívidas possuídas					

QUADRO 1 – Esquema de cálculo do escore total para risco de endividamento. Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota: A pontuação individual é indicada antes de cada item. O escore total é calculado pela multiplicação da pontuação do “pagamento das contas”, pelo total de pontos obtidos pelo somatório da quantidade de dívidas possuídas. Abreviatura 1 – Telefone; 2 – Mensalidade; 3 – Financiamentos.

Adicionalmente, este instrumento prevê que aqueles indivíduos que se autodeclararam como não endividados se enquadram como de baixo risco de endividamento, e aqueles autodeclarados como endividados são classificados em médio e alto risco, cuja separação em médio/alto se dá pela mediana do escore total do risco de endividamento. Assim, utilizou-se as duas perguntas do Quadro 1 para computo do escore total do risco de endividamento para cada indivíduo, e para fins de classificação e melhor visualizar os resultados, fez-se uso da autodeclaração de endividado para categorizar o indivíduo em baixo, médio e alto risco de endividamento.

A pesquisa analisa a relação entre endividamento/saúde mental e física e endividamento/qualidade de vida, sendo o inventário de ansiedade e depressão de Beck e domínio físico da qualidade de vida e saúde (WHOQOL-Bref) indicativos de sintomas da “falta” de saúde mental e física, e os domínios psicológico, relações sociais e meio ambiente, da escala WHOQOL-Bref, como indicativos da saúde mental e da própria qualidade de vida.

O Inventário de Beck (CUNHA *et al.*, 1996; BECK *et al.* 1988) é composto por dois questionários distintos, um que mede o nível de ansiedade e outro para o nível de depressão (BAI e BDI nas siglas em inglês, respectivamente). As questões de ambos os questionários possuem escores individuais de 0 a 3 pontos, diferenciando-se apenas a questão 18 do BDI que recebe escore de 0 a 6 pontos. O total de escore de cada questionário é utilizado para classificar os respondentes nos níveis de ansiedade, em que: 0 a 10 mínima; 11 – 19 leve; 20 – 30

moderada; e 31 – 63 grave. E em níveis de depressão de 0 – 13 significa depressão mínima; 14 – 19 depressão leve; 20 – 28 depressão moderada; e 29 – 66 depressão grave.

O WHOQOL-Bref da Organização Mundial da Saúde – OMS (MIN *et al.*, 2002; SKEVINGTON, LOTFY e O'CONNELL, 2004; VAZ SERRA *et al.*, 2006) é um instrumento abreviado do WHOQOL-100 que visa mensurar como o indivíduo avalia o seu nível de qualidade de vida. Esta ferramenta possui 26 questões acerca de 4 domínios da saúde (físico, psicológicos, relações sociais e meio ambiente), com questões do tipo *Likert* de 1 para uma qualidade de vida ruim e 5 para uma boa qualidade de vida. Nesse sentido, quanto maior o escore melhor a sensação daquele indivíduo com relação aquele aspecto da sua vida. Geralmente, normaliza esses escores na base 100 para fins de interpretação.

Os instrumentos da pesquisa (Risco de endividamento, BAI, BDI e WHOQOL-Bref) foram aplicadas em uma amostra de 588 indivíduos, por meio de uma *survey* divulgada em mídias sociais (*Facebook*) e e-mails, sendo respondidas livremente. Após eliminar os questionários incompletos ou que não passaram no teste de qualidade, restaram 376 instrumentos válidos. Ao longo do questionário de pesquisa foram feitas perguntas pontuais (teste de qualidade) para verificar se os respondentes estavam atentos ao que se estava perguntando.

Para a análise dos dados foram utilizadas estatística descritiva para traçar uma panorama geral dos respondentes, além de caracterizar a amostra e descrever o comportamento dos indivíduos em relação a cada um dos construtos pesquisados. A validação dos instrumentos foi realizada por meio da análise da confiabilidade conforme indicado por Garver e Mentzer (1999) e Hair *et al.* (2009), utilizando-se o *Alpha* de Cronbach ( $\alpha$ ). No caso do BAI, BDI e WHOQOL-Bref por se tratar de instrumentos robustos, utilizados em diversos contextos, mundialmente e nacionalmente, o cálculo da confiabilidade na amostra considera-se suficiente.

Em seguida foram realizadas análises bivariadas, para verificar se existe diferença, e se sim, como ela se comporta, entre as classificações/escores de ansiedade/depressão e os escores dos domínios da qualidade de vida contra o escore do risco de endividamento. No caso de se avaliar o escore do risco de endividamento contra os escores de depressão, ansiedade e domínios da qualidade de vida e saúde, fez uso da Correlação de Spearman ( $\rho$ ), e no caso de se verificar as classificações de ansiedade e depressão contra os escores de risco de endividamento utilizou-se o teste de Kruskal-Wallis ( $\chi^2$ ), com posterior comparações múltiplas aos pares, para avaliar onde as diferenças se encontram. A opção desses testes não paramétricos em detrimento dos testes paramétricos (Correlação de Pearson e ANOVA) se dá porque as variáveis da pesquisa são essencialmente ordinais.

## 4 Resultados e discussões

### 4.1 Perfil da amostra

Ao analisar o perfil dos respondentes (Tabela 1), percebe-se que 50,80% pertence ao gênero feminino, 56,38% são casados (56,38%) e que mesmo a amostra estando bem distribuída com relação a idade, a maioria encontra-se entre 19 e 30 anos (35,37%), e a minoria até a faixa etária dos 18 anos (2,66%). Verificou-se ainda que os 22,87% dos indivíduos da amostra possuem uma renda mensal individual de 3,1 a 6 salários mínimos, seguida daqueles que recebem até 3 salários mínimos (21,81%), sendo uma pequena parcela que recebe acima de 15 salários mínimos (7,98%), ou não possuem renda (13,83%).

Com relação aos dependentes constatou-se que a maioria não possui (45,48%), os indivíduos com dependentes apontaram em sua maioria possuírem um dependente (22,07%). Ao referirem-se à escolaridade, a maioria intitula-se com um nível de pós-graduação (57,71%) e a minoria apenas o ensino fundamental (5,32%). As ocupações predominantes são de funcionário público (38,83%) e empregado via CLT (26,86%).

TABELA 1 – Perfil dos respondentes segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas

Variável	Alternativas	Freq. / Perc.	Variável	Alternativas	Freq. / Perc.
<b>Idade</b>	Até 18 anos	10 / 2,66%	<b>Sexo</b>	Masculino	185 / 49,2%
	19 a 30 anos	133 / 35,37%		Feminino	191 / 50,8%
	31 a 40 anos	106 / 28,19%	<b>Ocupação</b>	Desempregado	28 / 7,45%
	Acima de 40 anos	127 / 33,78%		Empregado CLT	101 / 26,86%
<b>Estado Civil</b>	Solteiro	141 / 37,5%		Autônomo	25 / 6,65%
	Casado/União Estável	212 / 56,38%		Profissional Liberal	9 / 2,39%
	Divorciado	23 / 6,12%		Funcionário Público	146 / 38,83%
<b>Renda Mensal Individual</b>	Sem renda	52 / 13,83%		Empresário	17 / 4,52%
	Até 3 salários mínimos	82 / 21,81%		Aposentado	7 / 1,86%
	De 3,1 até 6 salários mínimos	86 / 22,87%		Do lar	10 / 2,66%
	De 6,1 até 10 salários mínimos	73 / 19,41%		Estudante	33 / 8,78%
	De 10,1 até 15 salários mínimos	53 / 14,1%		<b>Dependentes</b>	0
	Acima de 15 salários mínimos	30 / 7,98%	1		83 / 22,07%
<b>Escolaridade</b>	Ensino Fundamental	20 / 5,32%	2		68 / 18,09%
	Ensino Médio	85 / 22,61%	3		39 / 10,37%
	Ensino Superior	54 / 14,36%	4 ou mais		15 / 3,99%
	Pós-Graduação	217 / 57,71%			

Fonte: Resultados da pesquisa, elaborada pelos autores (2018).

A primeira escala utilizada buscou identificar os riscos de endividamento. A estatística descritiva, com base na frequência e percentual das respostas está apresentada na Tabela 2. Ao analisar o perfil do risco de endividamento dos respondentes verifica-se que mesmo que a maioria se autoavalia como endividado (50,80%), a diferença para aqueles que não se consideram (49,20%) é muito pouca. Sobre o pagamento de suas contas a maioria as realiza em dia (76,06%), enquanto que apenas 1,86% dos respondentes informaram que não conseguem cumprir com os seus compromissos. Estes dados estão em consonância com o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) Brasil e a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) que estimam que o país concluiu o primeiro semestre de 2018 com aproximadamente 63,6 milhões de brasileiros com o CPF restrito em virtude de atrasos no pagamento de contas, representando esse dado 42% da população adulta do país.

TABELA 2 – Perfil dos respondentes com relação ao fator risco de endividamento.

Variável	Alternativas	Freq. / Perc.	Variável	Alternativas	Freq.	Perc.
Você se considera uma pessoa endividada mesmo pagando as suas contas em dia	Não	185 / 49,20%	Qual (quais) tipos de contas você possui / não possui	Conta de água	112 / 264	29,79 / 70,21%
	Sim	191 / 50,80%		Cartão de crédito	93 / 283	24,73 / 75,27%
Em média, qual a frequência de pagamento de suas contas	Pago em dia	286 / 76,06%		Conta de energia	73 / 303	19,41 / 80,59%
	Pago com até 5 dias de atraso	42 / 11,17%		Conta de tel. fixo	180 / 196	47,87 / 52,13%
	Pago com até 10 dias de atraso	18 / 4,79%		Conta de tel. móvel	109 / 267	28,99 / 71,01%
	Pago com até 15 dias de atraso	11 / 2,93%		Conta de internet	90 / 286	23,94 / 76,06%
	Pago com até 30 dias de atraso	9 / 2,39%		Cheque especial	280 / 96	74,47 / 25,53%
	Pago com mais de 30 dias de atraso	7 / 1,86%		Mens. <sup>4</sup> escolar	269 / 107	71,54 / 28,46%
	Não pago	3 / 0,8%		Mens. <sup>4</sup> de clubes	320 / 56	85,11 / 14,89%
				Mens. <sup>4</sup> de cursos	300 / 76	79,79 / 21,21%
				Mens. <sup>4</sup> de academias	258 / 118	68,62 / 31,38%
		Cheque pré-datado		353 / 23	93,88 / 6,12%	
		Crédito consignado		295 / 81%	78,46 / 21,54%	
		Crédito pessoal		321 / 55	85,37 / 14,63%	
		Carnês		315 / 61	83,78 / 16,22%	
		Financ. <sup>5</sup> de carros	298 / 78	79,26 / 20,74%		
		Financ. <sup>5</sup> de casa	298 / 78	79,26 / 20,74%		
		Outras dívidas	257 / 119	68,35 / 31,65%		

Notas: Abreviaturas: 1 – frequência; 2 – percentual; 3 – telefone; 4 – mensalidade; 5 – financiamento.

Fonte: Resultados da Pesquisa, elaborada pelos autores (2018).

Com relação aos tipos de contas, prepondera aquelas consideradas essenciais para uma residência: água (70,21%), energia (80,59%), telefone fixo (52,13%) e móvel (71,01%) e internet (76,06%). Em menor escala são apontadas contas de mensalidades: escolar (28,46%), de clubes (14,89%), cursos (21,21%) ou academias (31,38%). Os tipos de contas menos possuídas pelos respondentes são aquelas que possuem algum tipo de juros ou que não são de consumo básico, como cheque especial (25,53%), crédito consignado (21,54%), carnês (16,22%), crédito pessoal (14,63%) e cheque pré-datado (6,12%). O resultado destoante foi o para uso de cartão de crédito, quase tão utilizada (75,21%) quanto a conta de energia. Ainda tem-se nos dados que 79,26% dos respondentes afirmaram que possui financiamento de veículos e/ou imóveis.

A Figura 1 apresenta um painel dos gráficos para os resultados dos quatro fatores analisados (risco de endividamento, BAI, BDI e qualidade de vida e saúde), conforme classificação discutida na metodologia. Nesse painel é possível verificar que além dos 49% dos indivíduos que autorelataram como “não endividados” e foram classificados como de baixo risco de endividamento, 20% dos indivíduos foram classificados como sendo de médio risco e 30%

como de alto risco de endividamento. Com relação aos níveis de ansiedade, a maior parte da amostra (62,8%) se classifica com baixos níveis de ansiedade, seguida daqueles que apresentaram níveis médio (21,8%), níveis moderados (12%) e uma pequena parcela com níveis grave de ansiedade (3,5%). Nas análises bivariadas, devido a baixa frequência da classificação grave, aglutinou-se as classes moderado e grave numa única categoria (moderado/grave).

Os resultados dos níveis de depressão foram semelhantes ao de ansiedade, diferindo na frequência entre o volume de indivíduos com níveis moderados (18,1%) e leves (17,6%); o maior volume apresentou níveis mínimos (56,1%) e o menor (8,2%) níveis graves, sendo este último importante ressaltar, mais do que o dobro de indivíduos que apresentaram níveis graves de ansiedade. E por último, os resultados do WHOQOL-Bref apresentaram para a amostra, resultados médios muito próximos em cada domínio da qualidade de vida, 61 pontos para relações sociais, 65 para psicológico, 58 para a relação com o meio ambiente e o maior para o domínio físico (66 pontos), a média dos quatro domínios utilizados para mensurar o nível de qualidade de vida e saúde apresentou resultado de 63 pontos.

Todos os questionários passaram no teste de confiabilidade, apresentando resultados para o *Alfa de Cronbach* ( $\alpha$ ) acima de 0,7 (HAIR *et al.*, 2009), e assim, mostrando que na amostra avaliada os questionários foram adequados para medir o que se propunham: níveis de ansiedade (BAI), depressão (BDI) e qualidade de vida e saúde (WHOQOL-Bref).

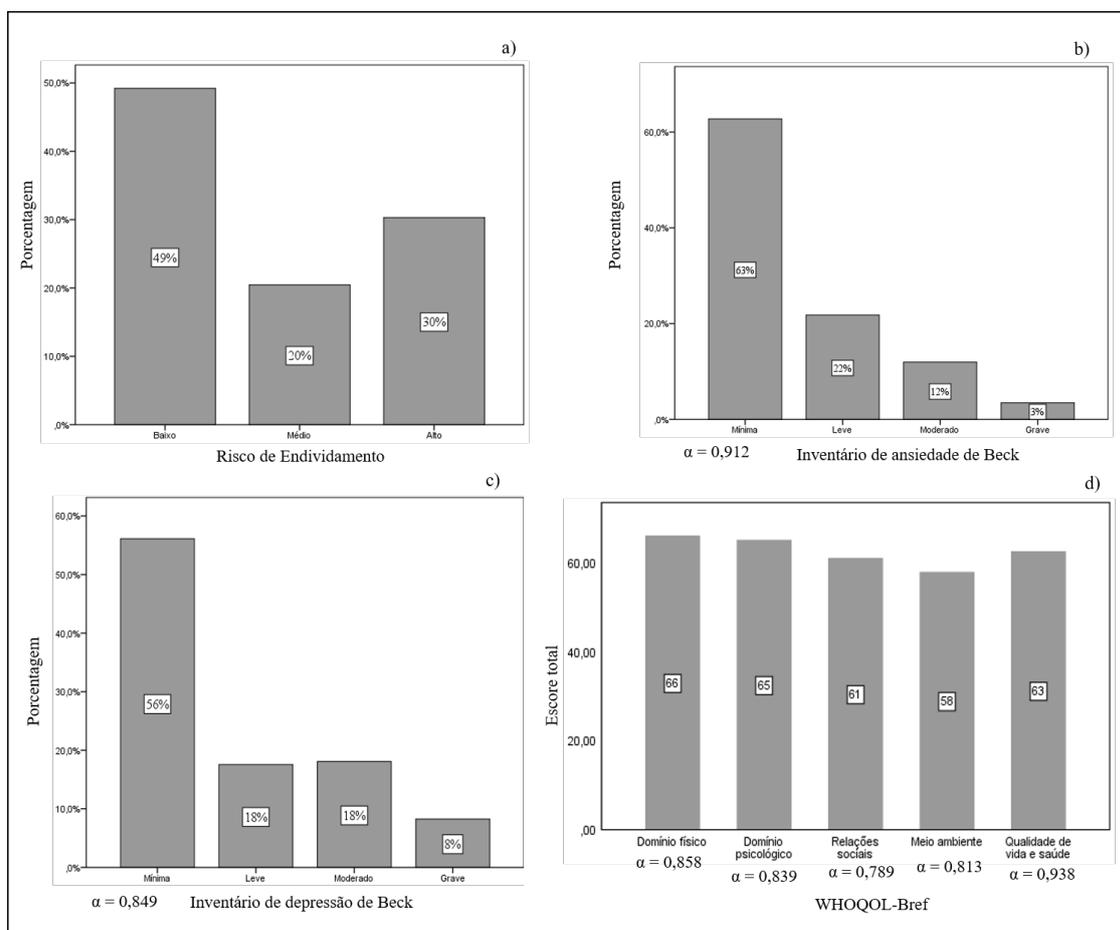


FIGURA 1 – Gráficos dos resultados das escalas de risco de endividamento, BAI, BDI e WHOQOL-Bref. Fonte: Resultados da pesquisa, elaborada pelos autores (2018).

Nota:  $\alpha$  = Alfa de Cronbach

## 4.2 Análises das relações

A Figura 2 apresenta um painel com os gráficos do cruzamento entre as classes de riscos de endividamento, as classificações quanto aos níveis de ansiedade e depressão e a média dos escores dos domínios da qualidade de vida e saúde. Nesses gráficos a amostra foi dividida em duas, utilizando como critério o risco de endividamento: a primeira juntando os indivíduos que se mostraram com baixo/médio risco de endividamento; e a segunda com aqueles que se classificaram com alto risco (auto se declararam endividados). Esse procedimento foi apenas para melhor visualização dos achados e destaque das diferenças, pois nos testes bivariados utilizou-se o escore total do risco de endividamento (Quadro 1) contra as classes de ansiedade, depressão e os escores dos domínios da qualidade de vida e saúde.

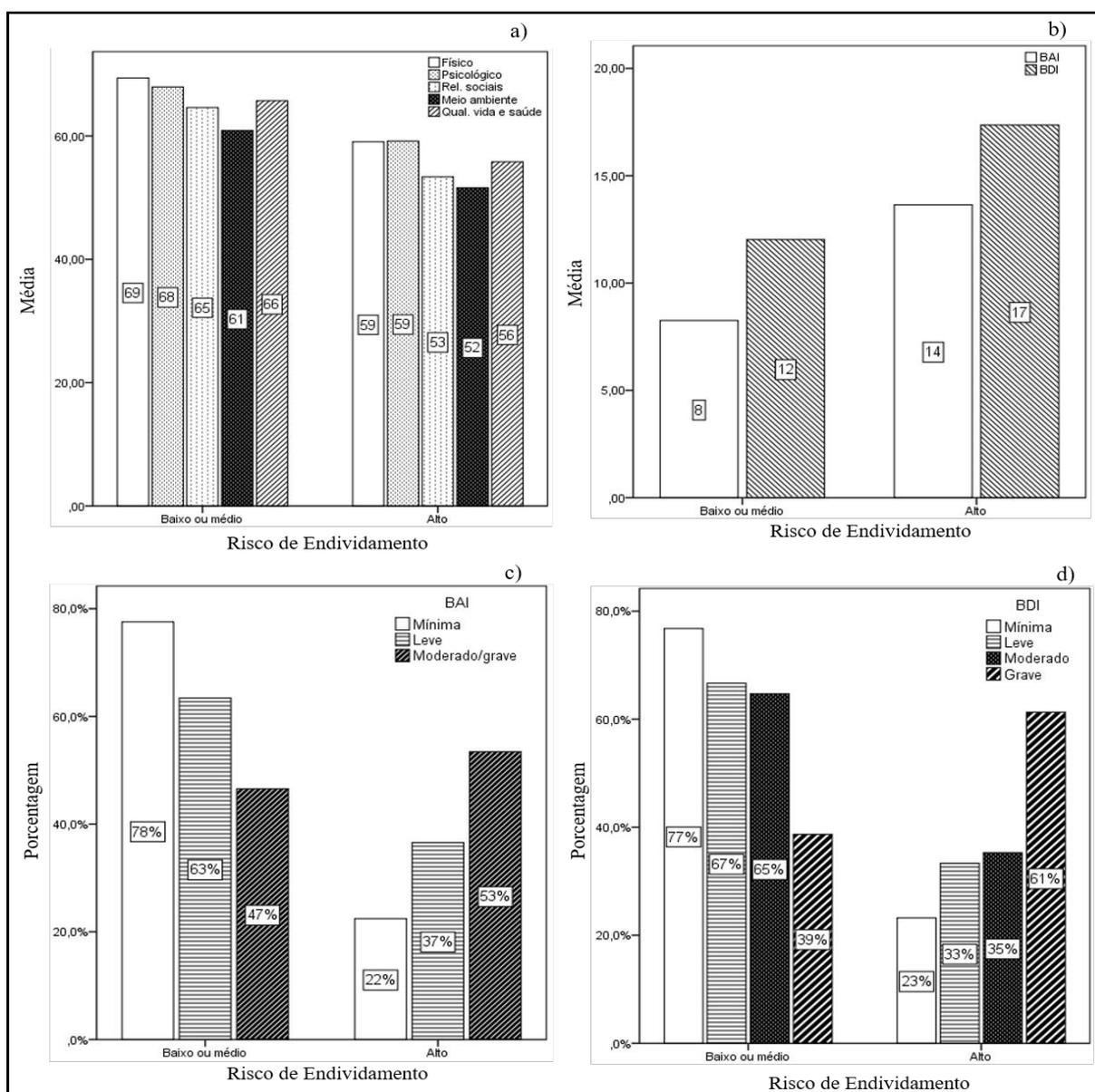


FIGURA 2 – Ansiedade (BAI), depressão (BDI) e qualidade de vida e os resultados das classificações de risco de endividamento em baixo/médio e alto. Fonte: Resultados da pesquisa, elaborada pelos autores (2018).

Essas análises (cruzamentos) também poderiam se dar de outra forma, já que nesse estudo não se definiu a direção da causalidade entre endividamento e saúde mental/física e qualidade de vida e saúde. Ou seja, poder-se-ia utilizar a classificação proposta do risco de endividamento (baixo, médio e alto) contra os escores da ansiedade e depressão. A despeito de ter sido feito das duas formas e os resultados serem equivalentes, optou-se por efetuar os testes estatísticos a do escore do risco do endividamento contra as classes da ansiedade e depressão, com fins de não se questionar a classificação do risco de endividamento, uma vez que essa poderia ser diferente, conforme os critérios adotados. As classes da depressão e ansiedade já estão bem solidificadas na literatura da saúde.

Com relação aos domínios da qualidade de vida e saúde (Figura 2a), percebe-se que os menores escores obtidos, em todos os domínios, concentram-se em indivíduos classificados como alto risco de endividamento. Pelos gráficos c) e d) da Figura 2 é possível constatar que a medida que o eixo de risco de endividamento avança, na direção do alto risco, os níveis de ansiedade e de depressão são mais frequentes. A situação contrária também acontece, a medida que o eixo de risco de endividamento recua, na direção do baixo ou médio risco, os resultados dos níveis de ansiedade e depressão também vão suavizando, com mais indivíduos nas classificações mais amenas dessas medidas.

A percepção ilustrada nos gráficos da Figura 2 comprova-se estatisticamente: i) a média dos escores do domínio físico é maior para indivíduos considerados de baixo risco ( $\chi^2 = 28,386$ ; p-valor  $< 0,000$ ); ii) o escore médio do domínio psicológico é maior para indivíduos de baixo risco de endividamento ( $\chi^2 = 24,480$ ; p-valor  $< 0,000$ ); iii) a média do escore nas relações sociais é diferente apenas entre o risco de endividamento alto e baixo ( $\chi^2 = 59,203$ ; p-valor  $< 0,000$ ); iv) o escore médio no domínio meio ambiente é maior para indivíduos de baixo risco de endividamento ( $\chi^2 = 28,816$ ; p-valor  $< 0,000$ ); e v) considerando o escore total da qualidade de vida e saúde, quem é classificado como de baixo risco de endividamento possui maior escore na escala geral ( $\chi^2 = 34,857$ ; p-valor  $< 0,000$ ). Esse resultado está conforme os obtidos por Bemel *et al.*, (2016) e French e Mckillip (2017), que encontraram que níveis maiores de estresse financeiro impactavam, ou tinham relação significativa em diversos aspectos da saúde mental de um indivíduo.

Os resultados quando confronta-se as classes de ansiedade e depressão contra os escores do risco do endividamento são similares. As diferenças se dão, essencialmente, quando compara-se a média dos escores do risco de endividamento entre o nível mínimo de ansiedade e o nível moderado/grave ( $\chi^2 = -64,898$ ; p-valor  $< 0,000$ ): indivíduos com nível moderado/grave de ansiedade possuem, em média, um risco de endividamento quase o dobro (mais de 90%) maior do que indivíduos com nível mínimo de ansiedade; e entre o nível mínimo e grave de depressão ( $\chi^2 = -77,482$ ; p-valor = 0,001): indivíduos com nível grave de depressão possuem, em média, um risco de endividamento cerca de 70% maior do que indivíduos com nível mínimo de depressão. Resultados semelhantes foram encontrados nos trabalhos de Bridges e Disney (2010), Drentea e Reynolds (2010), Maselko *et al.*, (2018), Turunen e Hiilamo (2014), Walsemann, Gee e Gentile (2015) e Zerrenner (2007), os quais concluíram a significância das tensões financeiras, principalmente relacionadas as dívidas ou a dificuldades em pagar os seus compromissos de necessidades básicas, com o desencadeamento de sintomas de ansiedade e depressão. Assim como concluído por Hojman, Miranda e Ruiz-Tangle (2016) é possível conjecturar que a medida que o risco do endividamento aumenta, um risco que é caracterizado

por tensões financeiras, como problemas de assiduidade nos pagamentos de contas, por se encontrar com contas que ultrapassam a sua capacidade de pagamento e/ou possuir alguns tipos de contas que fogem daquelas necessárias para a manutenção de uma residência, aumenta também sintomas relacionados a ansiedade e depressão, além de uma piora na avaliação da sua qualidade de vida.

Em termos de intensidade, a força da relação é mais proeminente no caso do domínio físico ( $\rho = -0,202$ ; p-valor  $< 0,000$ ) e da ansiedade ( $\rho = 0,215$ ; p-valor  $< 0,000$ ), indicando que maiores escores de risco de endividamento estão associados a menores escores de qualidade de vida física e maiores níveis de ansiedade. As outras relações, apesar de apresentarem intensidade menor, também foram significativas ao nível de 5% e de acordo com a direção esperada: maiores escores do risco de endividamento também estão associados com menores escores na qualidade de vida psicológica ( $\rho = -0,114$ ; p-valor = 0,027), relações sociais ( $\rho = -0,142$ ; p-valor = 0,006) e meio ambiente ( $\rho = -0,131$ ; p-valor = 0,011) e com maiores escores na escala de depressão ( $\rho = 0,163$ ; p-valor = 0,002). Essa análise do grau de associação dos escores através da Correlação de Spearman ( $\rho$ ) reforça os achados das comparações múltiplas procedidas a partir do teste de Kruskal-Wallis ( $\chi^2$ ).

## 5 Considerações finais

Neste estudo demonstra-se que na literatura já existem evidências de que estresse causado por desordens financeiras pode ser relacionado com diversos sintomas psicossomáticos, como ansiedade, depressão, perda da qualidade de vida e em casos extremos, culminar no suicídio do indivíduo que pode se encontrar em situação de extrema pressão. E por isso esse estudo buscou verificar a relação entre situações de risco de endividamento, a percepção do indivíduo acerca de sua qualidade de vida e saúde e sintomas de ansiedade e depressão.

Os achados concluíram que indivíduos com menores risco de endividamento apresentaram sensações de qualidade de vida melhores e menores níveis de ansiedade e depressão, assim como a relação contrária também foi confirmada. Os questionários passaram por testes de confiabilidade e as análises bivariadas mostraram fortes indícios que existe relação entre maior risco de endividamento e piora na qualidade de vida e saúde e altos níveis de ansiedade e depressão de um indivíduo.

Ressalta-se que os achados na presente pesquisa não foram devido ao método, apesar da carência de generalização, uma vez que a amostra possui um perfil que não condiz com a representação nacional, como por exemplo, a grande proporção de indivíduos com ensino superior/pós-graduação. Apesar de não apresentado, procederam-se outras análises, tal como: 1) pesos diferentes nos tipos de contas do Quadro 1; 2) classificações diferentes para o risco de endividamento, como por exemplo, separação em tercís e quartis; e 3) cruzamento das classes de risco de endividamento contra as classes de ansiedade e depressão em tabelas de frequência e cálculo de testes para esse fim, como por exemplo, o teste D de Somers e o teste Gama, sob a hipótese que se tratam de frequência oriundas de variáveis ordinais. Os resultados não se alteraram com estas alterações nos procedimentos metodológicos.

Adicionalmente, também salienta-se que a presente pesquisa não avançou no sentido de análises multivariadas, tal como Modelagem de Equações Estruturais, devido o delineamento do experimento não ser controlado. Como todas as variáveis de interesse são endógenas (espera-

se que a qualidade de vida possa afetar o risco de endividamento, assim como o contrário, o mesmo valendo para as relações ansiedade-endividamento, depressão-endividamento, ansiedade-qualidade de vida, ansiedade-depressão e depressão-qualidade de vida), fatalmente ter-se-ia problemas de identificação dos modelos e frágeis conclusões sobre causalidade. Dessa forma, deu-se prioridade em discutir, de um modo mais simples e acessível, a associação existente entre as variáveis de interesse, do que fazer inferências robustas e frágeis sobre causalidade.

Ao mostrar que indivíduos com menores tensões financeiras (baixo risco de endividamento) apresentam menores sintomas de ansiedade, depressão e qualidade de vida, o presente trabalho sinaliza para a importância de cuidados com a saúde financeira e com situações de endividamento. Fica clara que a necessidade da disseminação da educação financeira é algo real, principalmente como uma forma de melhorar o controle financeiro dos indivíduos, além de uma medida preventiva, inclusive, contra o aumento de desordens psicossomáticas.

### Referências Bibliográficas

AWANIS, Sandra; CHI CUI, Charles. Consumer susceptibility to credit card misuse and indebtedness. **Asia Pacific Journal of Marketing and Logistics**, v. 26, n. 3, p. 408-429, 2014.

BECK, Aaron T. *et al.* An inventory for measuring clinical anxiety: psychometric properties. **Journal of consulting and clinical psychology**, v. 56, n. 6, p. 893, 1988.

BEMEL, James E. *et al.* The impact of college student financial health on other dimensions of health. **American Journal of Health Promotion**, v. 30, n. 4, p. 224-230, 2016.

Brasil fecha primeiro semestre com 63,6 milhões de consumidores inadimplentes, estimam SPC Brasil e CNDL. Disponível: <<https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/indice/4921>>. Acesso: 15 de Agosto de 2018.

BRESLOW, Norman. A generalized Kruskal-Wallis test for comparing K samples subject to unequal patterns of censorship. **Biometrika**, v. 57, n. 3, p. 579-594, 1970.

BRIDGES, Sarah; DISNEY, Richard. Debt and depression. **Journal of health economics**, v. 29, n. 3, p. 388-403, 2010.

BYRNE, Barbara M. **Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming**. Routledge, 2016.

CAMPARA, Jéssica Pulino; VIEIRA, Kelmara Mendes; CERETTA, Paulo Sergio. Entendendo a atitude ao endividamento: fatores comportamentais e variáveis socioeconômicas o determinam? **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 15, n. 1, p. 5-24, 2016.

ARAÚJO DE CARVALHO, Helder; PAULA SOUSA, Felipe Gerhard; PEÑALOZA FUENTES, Verónica Ligia. Representação Social do Endividamento Individual. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 11, n. 1, 2017.

CLAYTON, Maya; LIÑARES-ZEGARRA, José; WILSON, John OS. Does debt affect health? Cross country evidence on the debt-health nexus. **Social Science & Medicine**, v. 130, p. 51-58, 2015.

COBB-CLARK, Deborah A.; KASSENBOEHMER, Sonja C.; SINNING, Mathias G. Locus of control and savings. **Journal of Banking & Finance**, v. 73, p. 113-130, 2016.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO (2018). Disponível em < <http://cnc.org.br/central-do-conhecimento/pesquisas/economia/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-1> > Acesso em 03/03/2018.

- CUNHA, Jurema Alcides et al. O uso do inventário de Beck para avaliar depressão em universitários. **Psico (Porto Alegre)**, p. 107-115, 1996.
- DRENTEA, Patricia; REYNOLDS, John R. Neither a borrower nor a lender be: The relative importance of debt and SES for mental health among older adults. **Journal of Aging and Health**, v. 24, n. 4, p. 673-695, 2012.
- DYNAN, Karen E. Changing household financial opportunities and economic security. **Journal of Economic Perspectives**, v. 23, n. 4, p. 49-68, 2009.
- FOLMER, Henk; DUTTA, Subrata; OUD, Han. Determinants of rural industrial entrepreneurship of farmers in West Bengal: a structural equations approach. **International Regional Science Review**, v. 33, n. 4, p. 367-396, 2010.
- FRENCH, Declan; MCKILLOP, Donal. The impact of debt and financial stress on health in Northern Irish households. **Journal of European Social Policy**, v. 27, n. 5, p. 458-473, 2017.
- GARVER, Michael S.; MENTZER, John T. Logistics research methods: employing structural equation modeling to test for construct validity. **Journal of Business Logistics**, v. 20, n. 1, p. 33, 1999.
- HAIR, Joseph F. et al. **Análise multivariada de dados**. Bookman Editora, 2009.
- HOJMAN, Daniel A.; MIRANDA, Álvaro; RUIZ-TAGLE, Jaime. Debt trajectories and mental health. **Social Science & Medicine**, v. 167, p. 54-62, 2016.
- HOOPER, Daire; COUGHLAN, Joseph; MULLEN, Michael. Structural equation modelling: Guidelines for determining model fit. **Articles**, p. 2, 2008.
- KEESE, Matthias. Who feels constrained by high debt burdens? Subjective vs. objective measures of household debt. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 1, p. 125-141, 2012.
- KEESE, Matthias; SCHMITZ, Hendrik. Broke, ill, and obese: is there an effect of household debt on health?. **Review of Income and Wealth**, v. 60, n. 3, p. 525-541, 2014.
- KIM, Haejeong; DEVANEY, Sharon A. The determinants of outstanding balances among credit card revolvers. **Financial Counseling and Planning**, v. 12, n. 1, p. 67-77, 2001.
- KRUSKAL, William H.; WALLIS, W. Allen. Use of ranks in one-criterion variance analysis. **Journal of the American Statistical Association**, v. 47, n. 260, p. 583-621, 1952.
- LIVINGSTONE, Sonia M.; LUNT, Peter K. Predicting personal debt and debt repayment: Psychological, social and economic determinants. **Journal of Economic Psychology**, v. 13, n. 1, p. 111-134, 1992.
- MESSIAS, José Flávio; DA SILVA, José Ultemar; SILVA, Pedro Henrique Calderoni. Marketing, Crédito & Consumismo: Impactos sobre o endividamento precoce dos jovens Brasileiros. **Revista Eniac Pesquisa**, v. 4, n. 1, p. 43-59, 2015.
- MIN, S. K. *et al.* Development of the Korean versions of WHO Quality of Life scale and WHOQOL-BREF. **Quality of Life research**, v. 11, n. , p. 593-600, 2002.
- NORVILITIS, Jill M.; MAO, Yingmei. Attitudes towards credit and finances among college students in China and the United States. **International journal of psychology**, v. 48, n. 3, p. 389-398, 2013.
- NORVILITIS, Jill; MENDES-DA-SILVA, Wesley. Attitudes toward credit and finances among college students in Brazil and the United States. **Journal of Business Theory and Practice**, v. 1, n. 1, p. 132-151, 2013.
- PENTEADO, Regina Zanella; PEREIRA, Isabel Maria Teixeira Bicudo. Qualidade de vida e saúde vocal de professores. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, p. 236-243, 2007.

PERRY, Vanessa Gail. Giving credit where credit is due: The psychology of credit ratings. **The Journal of Behavioral Finance**, v. 9, n. 1, p. 15-21, 2008.

PIROG, Stephen F.; ROBERTS, James A. Personality and credit card misuse among college students: The mediating role of impulsiveness. **Journal of Marketing Theory and Practice**, v. 15, n. 1, p. 65-77, 2007.

POTRICH, Ani Caroline Grigion *et al.* Modelando A Propensão ao Endividamento: Os Fatores Comportamentais e Socioeconômicos são Determinantes? **Revista Facultad de Ciencias Económicas: Investigación y Reflexión**, v. 24, n. 2, p. 85-110, 2016.

RICHARDSON, Thomas; ELLIOTT, Peter; ROBERTS, Ronald. The relationship between personal unsecured debt and mental and physical health: a systematic review and meta-analysis. **Clinical Psychology Review**, v. 33, n. 8, p. 1148-1162, 2013.

ROBERTS, James A.; JONES, Eli. Money attitudes, credit card use, and compulsive buying among American college students. **Journal of Consumer Affairs**, v. 35, n. 2, p. 213-240, 2001.

ROGERS, Pablo; ROGERS, Dany; SECURATO, Jose Roberto. About psychological variables in application scoring models. **Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 1, p. 38-49, 2015.

SKEVINGTON, Suzanne M.; LOTFY, Mahmoud; O'CONNELL, Kathryn A. The World Health Organization's WHOQOL-BREF quality of life assessment: psychometric properties and results of the international field trial. A report from the WHOQOL group. **Quality of Life Research**, v. 13, n. 2, p. 299-310, 2004.

SOUZA, Eliane Moreira *et al.* PERFIL DE CONSUMO E ENDIVIDAMENTO DE UNIVERSITÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO. **Revista de Contabilidade, Ciência da Gestão e Finanças**, v. 4, n. 2, p. 3-15, 2017.

STONE, Brice; MAURY, Rosalinda Vasquez. Indicators of personal financial debt using a multi-disciplinary behavioral model. **Journal of Economic Psychology**, v. 27, n. 4, p. 543-556, 2006.

TURUNEN, Elina; HIILAMO, Heikki. Health effects of indebtedness: a systematic review. **BMC public health**, v. 14, n. 1, p. 489, 2014.

VAZ SERRA, Adriano *et al.* Estudos psicométricos do instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-Bref) para Português de Portugal. **Psiquiatria clínica**, v. 27, n. 1, p. 41-49, 2006.

WALSEMANN, Katrina M.; GEE, Gilbert C.; GENTILE, Danielle. Cansado de nossos empréstimos: empréstimo de estudantes e a saúde mental de jovens adultos nos Estados Unidos. **Social Science & Medicine**, v. 124, p. 85-93, 2015.

WANG, Lili; LU, Wei; MALHOTRA, Naresh K. Demographics, attitude, personality and credit card features correlate with credit card debt: A view from China. **Journal of economic psychology**, v. 32, n. 1, p. 179-193, 2011.

ZERRENNER, Sabrina Arruda. Estudo sobre as razões para a população de baixa renda. 2007. **Dissertação (Mestre em Ciências Administrativas)–Universidade de São Paulo, São Paulo**, 2007.

ZIMMERMAN, Frederick J.; KATON, Wayne. Socioeconomic status, depression disparities, and financial strain: what lies behind the income-depression relationship? **Health economics**, v. 14, n. 12, p. 1197-1215, 2005.